

> Periferias europeias: Sebald fala em Tübingen (e uma digressão sobre Pierre Bertaux)

> European peripheries: Sebald speeches in Tübingen (and a digression about Pierre Bertaux)

por Uwe Schütte

Professor de literatura, história, cultura e sociedade alemã no Centro para Pesquisas da Linguagem na Aston University, Birmingham, Reino Unido. E-mail: u.schutte@aston.ac.uk. ORCID: 0000-0002-4825-1912.

Resumo

O tema deste artigo é um texto apócrifo de W. G. Sebald, o ensaio "Europäische Peripherien" [Periferias Europeias], baseado em uma palestra proferida em fevereiro de 1992, em Tübingen. Esse ensaio ocupa um lugar especial na obra de Sebald, pois nele o autor se expressa mais resolutamente do que em qualquer outra ocasião sobre questões políticas, no que diz respeito tanto ao processo de unificação europeia quanto aos problemas fundamentais das sociedades ocidentais na transição para o século XXI. A partir de uma leitura mais atenta, chego à conclusão de que esse ensaio, supostamente secundário, revela-se um importante pilar para reconstruir a interpretação profundamente melancólica que Sebald faz da história com base no conceito de uma "história natural da destruição". Ao mesmo tempo, "Europäische Peripherien" permite reconhecer a importância de *Mutation der Menschheit* [Mutações da Humanidade], de Pierre Bertaux, como influência fundamental, até então não reconhecida, para o desenvolvimento da obra de Sebald.

Palavras-chave: W.G. Sebald. Europa. "História natural da destruição". Pierre Bertaux.

Abstract

This article discusses the essay "Europäische Peripherien", a hitherto overlooked text by W.G. Sebald based on a lecture given in Tübingen in February 1992. The essay occupies a special position in Sebald's oeuvre, as the author positions himself more pronouncedly than anywhere else on political issues, both with regard to the process of European unification and to fundamental challenges of Western societies in the transition to the twenty-first century. In my close reading the supposedly insignificant essay proves to be an important text for a reconstruction of Sebald's deeply melancholic view of history as expressed in the concept of a "natural history of destruction". At the same time, "European Peripheries" allows us to acknowledge the importance of Pierre Bertaux' *Mutation der Menschheit* as an undiscovered influence on the development of Sebald's oeuvre.

Keywords: W.G. Sebald. Europe. "Natural history of destruction". Pierre Bertaux.

> Tradução do original em alemão por Cláudia Pavan

> Artigo recebido em 03.08.2021 e aceito em 03.08.2021.

1. Introdução

No dia 15 de janeiro de 1992, W. G. Sebald anotou em sua pequena agenda de bolso: “Passei o dia inteiro trabalhando na palestra de Tübingen sobre a Europa. Para mim, tudo muito repugnante. Sem vontade alguma de ir até lá”. No entanto, cerca de duas semanas depois, ele viaja, via Frankfurt, para Tübingen, a fim de, a convite do comparatista Jürgen Wertheimer, ministrar a referida palestra no primeiro Fórum de Literatura de Tübingen, realizado nos dias 3 e 4 de fevereiro de 1992, no novo auditório da universidade, perante – ao que tudo indica – uma plateia bastante atônita.

O ano de 1992 não começou exatamente bem para Sebald. Em março de 1991, seu segundo volume de ensaios sobre literatura austríaca, *Unheimliche Heimat*, foi publicado. No entanto, as tentativas de distribuir seu primeiro volume em prosa, *Schwindel: Gefühle*, através de uma editora inglesa¹, foram malsucedidas.² Sua tentativa de obter uma bolsa do Fundo de Literatura Alemã para continuar o trabalho no “Projeto de Prosa” foi igualmente ineficaz. O pedido feito no dia 7 de maio de 1991 tinha por objetivo permitir que ele se concentrasse em escrever durante o primeiro semestre de 1992. Contudo, como na primeira tentativa feita em fevereiro de 1987, a instituição ainda não considerava sua obra literária elegível para financiamento.

Assim, Sebald precisou dedicar-se à escrita ao mesmo tempo em que cumpria suas funções como professor, realizava tarefas administrativas na Universidade de East Anglia (UEA), bem como outras obrigações acadêmicas (como a participação em eventos, entre os quais a conferência de Tübingen). Embora certamente cumprisse a obrigação implícita de participar do circuito de conferências universitárias no início dos anos 1990, ele se esquivava do esforço da elaboração de conteúdo, demonstrando uma notável tendência a reciclar

¹ Sebald recebeu, entre outras, rejeições da Pan Books em 16 de dezembro de 1990, da Weidenfeld & Nicolson em 19 de março de 1991 e da Victor Gollancz em 29 de maio de 1991.

² A atribuição do Prêmio de Poesia Fedor Malchow pela sua estreia literária com *Nach der Natur* [Após a natureza], que aconteceu no dia 17 de dezembro de 1991, em Hamburgo, deve ser vista como um sucesso.

materiais já existentes.³ O fato de ter preparado uma nova palestra para a conferência de Tübingen – sucintamente intitulada "Periferia" no programa do evento – foi, portanto, bastante notável. Além disso, coincidiu com um período em que ele estava ocupado com a conclusão de "Ambros Adelwarth", história incluída no volume *Die Ausgewanderten* [Os Emigrantes], publicado em setembro de 1992, que se revelaria um grande avanço em sua carreira literária.

2. Sebald e a Europa

Levando em conta o contexto delineado, não é surpreendente que Sebald considerasse não apenas a preparação da palestra, mas também a exaustiva viagem de sua casa provincial no sul de Norfolk até Tübingen como uma distração incômoda, que impedia que se dedicasse àquilo que realmente lhe interessava: a continuação de sua obra em prosa. Contudo, talvez sua conexão com Hölderlin, a quem ele muito estimava, tenha sido o motivo que o levou a Tübingen.

Também é possível estabelecer uma clara relação com o tema do evento, intitulado *Cultura europeia: Quimera ou realidade?*. Como o programa explicava, o “retorno a contextos e tradições culturais pan-europeus”, virulento no início da década de 1990 para “justificar desenvolvimentos políticos ou econômicos”, deveria ser problematizado. Para tanto, intelectuais de diferentes áreas foram solicitados a

[...] descrever a natureza de sua relação com a “cultura europeia”. O foco, porém, não deve recair sobre ideias tradicionais eurocêntricas, mas tratar-se, outrossim, de uma tentativa de examinar e questionar – e possivelmente também de refutar – as concepções europeias a partir de suas margens, ou a partir de fora.⁴

³ Em abril de 1992, ele recusou um convite para participar do seminário organizado pelo Graz Forum Stadtpark com o título *Widerstände: Formen und Fiktionen* [Resistência: Formas e Ficções]. Em março de 1991, participou de uma conferência sobre literatura austríaca em Sheffield, mas ministrou, na ocasião, a mesma palestra que já havia apresentado em outubro de 1990, em uma conferência em Londres. Esta se repetiu ainda em maio de 1991, no *Neue Zürcher Zeitung*, em uma versão resumida, mas que teria sido baseada em uma antologia publicada em 1990: Winfried Sebald, “Damals vor Graz: Randbemerkungen zum Thema Literatur & Heimat”, 1990a, p. 141-153. Devo esse insight à pesquisa engenhosa de Scott Bartsch.

⁴ Folheto do 1.º Fórum de Literatura de Tübingen [na página a seguir]. Agradeço Jürgen Wertheimer pelo envio.

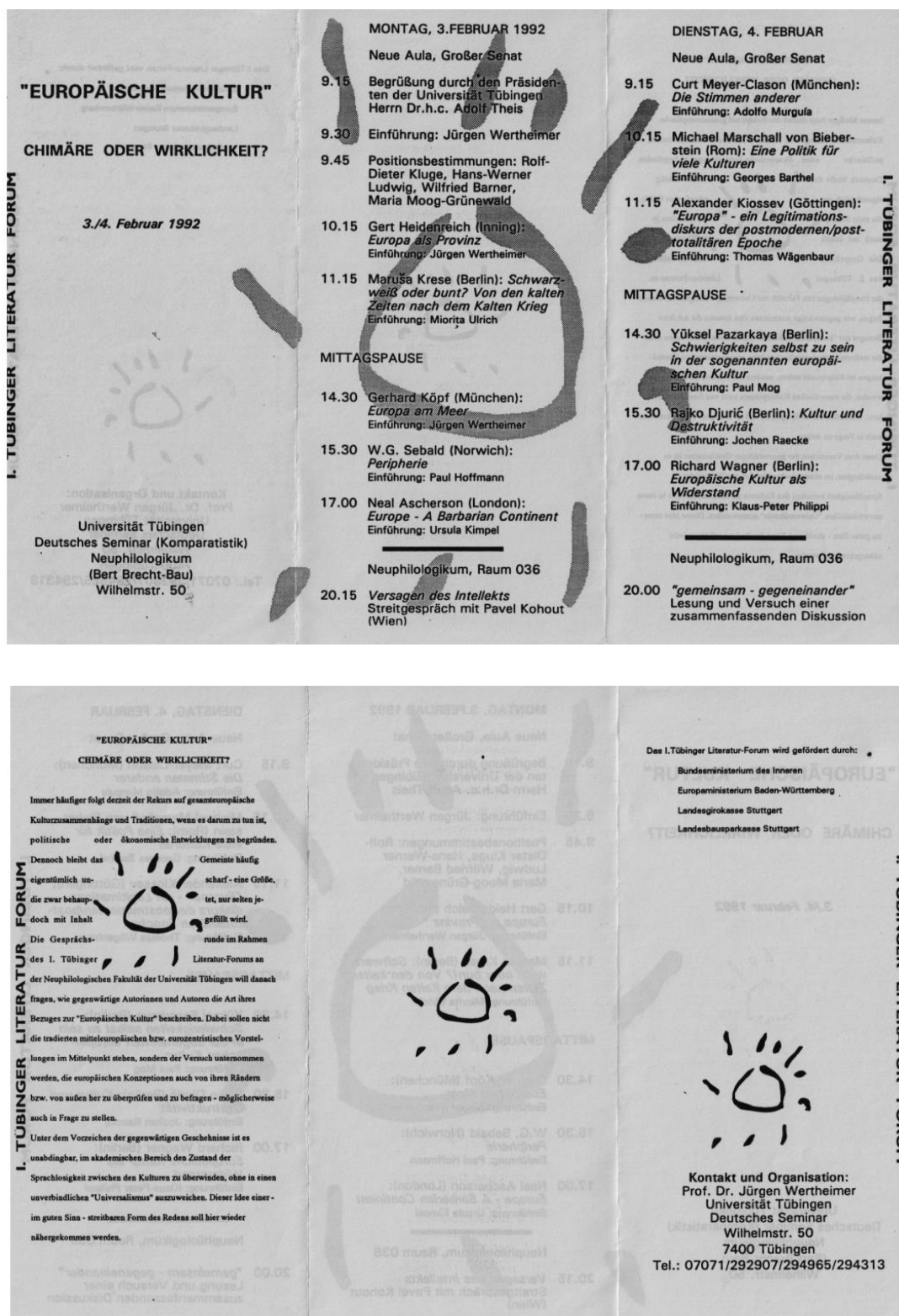


Imagem 1
Folheto do 1.º Fórum de Literatura de Tübingen

Sebald era justamente alguém a quem se podia chamar um homem da periferia. Ao contrário de outros participantes do evento, que contava com alguns nomes de vulto⁵, ele realmente veio da periferia: o lugar onde morava, o vilarejo de Poringland no sul de Norfolk, a cerca de dez quilômetros de Norwich como ele explicou a um entrevistador americano: “Fica no fim do mundo. E sinto que sou melhor lá do que em qualquer outro lugar no centro das coisas. Eu gosto de estar à margem, se possível”⁶.

Seu local de nascimento no Allgäu também era periférico, pois “um lugar mais remoto do que o buraco que era Wertach naquela época”⁷ era difícil de imaginar, como disse Sebald a um entrevistador em 1990. Nascido em um meio pequeno-burguês, ele teve de encontrar – através da leitura, do pensamento e da escrita – uma “forma de superar seu próprio anonimato”⁸.

É significativo que essa emancipação de suas raízes provinciais o tenha levado para o exterior; ao escapar da cena universitária alemã, Sebald tornou-se inevitavelmente um europeu cosmopolita. Essa tendência pronunciada da cultura inglesa para a mesquinhez nacionalista – que neste ponto é resumida, mas de modo algum de forma simplista, com a palavra de ordem “Brexit” – preocupou-o o suficiente para investir, a partir do final dos anos 1980 com considerável energia, na fundação de um instituto nacional de tradução na UEA, baseado no modelo do Colégio Europeu de Tradutores em Straelen, na região do Baixo Reno. Isso ao mesmo tempo em que seu foco principal era estabelecer-se como autor literário.⁹

⁵ No folheto do programa aparecem os nomes dos doze participantes, incluindo Michael Marschall von Bieberstein (Roma), Pavel Kohout (Viena), Neal Asherson (Londres) e Richard Wagner (Berlim). No total, verificam-se sete nomes de capitais europeias e mesmo os participantes de Munique ou Göttingen dificilmente podem competir, em termos de perifricidade, com a modesta Norwich, listada ao lado do nome de Sebald.

⁶ Lynne Sharon Schwartz, *The Emergence of Memory: conversations with W.G. Sebald*, 2007, p. 50.

⁷ Winfried Sebald, *Auf ungeheuer dünnem Eis: Gespräche 1971 bis 2001*, 2011a, p. 59.

⁸ *Idem*, *Unheimliche Heimat: Essays zur österreichischen Literatur*, 1995b, p. 15.

⁹ Como a direção da universidade era cética em relação à ideia, devido à falta de potencial para geração de lucros, a fundação só foi possível por meio de financiamento externo, que Sebald solicitou com sucesso ao British Arts Council. Seus esforços, no entanto, incluíram aqueles como a palestra realizada em 27 de novembro de 1991, para a Associação de Tradutores da Sociedade Londrina de Autores, sobre a necessidade de mais traduções literárias para o inglês.

O Centro Britânico de Tradução Literária (British Centre for Literary Translation – BCLT), inaugurado em 1989 e (até 1995) sob direção de Sebald, não foi apenas uma tentativa de fortalecer as línguas estrangeiras na UEA em termos de política institucional.¹⁰ Tratava-se também de uma tentativa deliberada de intervenção político-cultural: além da disponibilização de mais livros em tradução para o cenário editorial britânico – cujo desinteresse pela literatura europeia era notório –, tinha por objetivo a concessão de bolsas de residência para beneficiar a subsistência dos tradutores literários, baseada em grande parte na auto-exploração. Assim, ao declarar em seus objetivos o desejo de “superar o estado de falta de diálogo entre culturas também na esfera acadêmica”¹¹, o Fórum de Literatura de Tübingen estava destinado a encontrar no comprometido mediador cultural Sebald, que, em outubro de 1988, fora sabiamente promovido a professor de Literatura Europeia¹², um ouvinte atento em muitos aspectos.

Parece apropriado lembrar que a questão sobre a Europa era, sobretudo no Reino Unido no início da década de 1990, especialmente virulenta em face das controversas discussões sobre o Tratado de Maastricht, assinado pelo primeiro-ministro conservador John Major, apesar da veemente oposição intrapartidária, em 7 de maio de 1990 – apenas quatro dias após a palestra de Sebald em Tübingen.¹³ Portanto, certamente não é coincidência que a incômoda palavra (do ponto de vista britânico) “Maastricht” apareça nela. Tendo em vista a discussão em curso na mídia britânica sobre a adesão ao tratado, incluindo a propaganda eurofóbica de certos setores da imprensa, a organização do “Fórum Europeu de Escritores” por Sebald – primeiro grande evento realizado sob a égide do BCLT no início de dezembro de 1992 e do qual participaram oito autores da UEA na

¹⁰ A gestão das línguas estrangeiras (quando lá cheguei, em 1992, além de alemão e francês, eram ensinados espanhol, italiano e russo) ocorreu na UEA ao longo dos anos 1990, por isso a UEA teve papel de destaque na redução acadêmica e na abolição das línguas europeias (2010) em favor do árabe e do mandarim (2020).

¹¹ Folheto do 1.º Fórum de Literatura de Tübingen.

¹² Ele nunca ocupou a cátedra de Neuer Deutscher Literatur [Nova literatura alemã], repetidamente atribuída a ele, especialmente porque sequer existe uma cátedra com essa denominação na Grã-Bretanha.

¹³ O grupo de parlamentares eurofóbicos, conhecido como os rebeldes de Maastricht e apoiados pela ex-primeira-ministra Thatcher, infligiu repetidamente severas derrotas ao governo durante a primeira metade da década de 1990. O germe do Brexit foi plantado durante esse período, enquanto lutas internas eventualmente levaram à vitória esmagadora do partido Labour nas eleições de 1997.

sessão intitulada *A Possibilidade de uma Cultura Europeia* [*The Possibility of a European Culture*]¹⁴ – também deve ser considerada como uma declaração política.

Entre os escritores que participaram do evento, estavam, além de Hans Magnus Enzensberger, que proferiu a (intelectualmente modesta) *palestra de abertura*¹⁵, outros como Marie Cardinal, Gianni Celati, Lars Gustafsson, Ryszard Kapuściński ou Cees Nooteboom, juntamente com seus tradutores literários. Tudo isso, cabe destacar novamente, em uma época em que a guinada literária de Sebald estava prestes a acontecer. No entanto, como ficou claro em Tübingen, a defesa resoluta do intercâmbio cultural europeu não implica necessariamente a identificação com o projeto europeu no sentido de uma União Europeia, que tanto na época quanto atualmente considera a utopia cultural e política "Europa" como uma questão sobretudo econômica, claramente matizada pelo neoliberalismo.¹⁶

3. Profecias sombrias de Tübingen

“Naquela época, tudo girava em torno dos sonhos europeus”, segundo o organizador Wertheimer sobre o evento. Contudo, Sebald aproveita a oportunidade para problematizar “possíveis desdobramentos indesejáveis que articulou cedo e com precisão e apresentou com uma perplexidade implacavelmente melancólica. Sebald foi o único de todo o grupo que não desejava dar conselhos”¹⁷. Esse ceticismo agudo marcava seu pensamento, o que fazia com que ele frequentemente se encontrasse em posição oposta aos intelectuais esquerdistas, como em Tübingen: “para muitos ouvintes”, observa Wertheimer sobre a reação do público, “era pessimismo demais. Alguns reagiram

¹⁴ A esse respeito, confio nas informações oferecidas por Richard Sheppard, que não puderam ser verificadas.

¹⁵ Cf. Uwe Schütte, *Annäherungen: Sieben Essays zu W. G. Sebald*, 2019, p. 136.

¹⁶ Como Martin Sonneborn, membro não inscrito do Parlamento da UE, sempre enfatiza, isso não se deve, de forma alguma, a uma orientação de base neoliberal, mas apenas ao fato de que o eleitorado nos estados-membros vota de forma consistentemente conservadora e, assim, fortalece o Volkspartei [Partido Popular] (incluindo seus elementos reacionários).

¹⁷ Jürgen Wertheimer, “Magische Verdichtung: Sebalds Wirklichkeitsbeschwörungen”, 2006, p. 66.

de forma totalmente agressiva às teses, apresentadas sem retórica e quase sem emoção”¹⁸.

Que Sebald, com sua apresentação, tenha fugido ao padrão das outras palestras, está documentado no fato de que a primeira impressão de seu texto na revista *Litterae*¹⁹ foi seguida por um resumo da animada discussão sob o título “Bemerkungen zum Beitrag von W.G. Sebald” [Comentários sobre a palestra de W. G. Sebald].²⁰ O fato de nenhuma outra sinopse como essa ter sido feita sobre as discussões dos demais participantes indica a singularidade da palestra de Sebald, dado que ele desconsiderou as regras discursivas implícitas que se aplicam a eventos acadêmicos.

Mas afinal o que Sebald apresentou em Tübingen que deixou seu público tão indignado? Inevitavelmente, a reconstrução da palestra precisa ser baseada na versão impressa de “Europäische Peripherien”, incluindo o resumo da discussão, assumindo-se que o ensaio é, em grande medida, idêntico ao roteiro da palestra. Esse texto, sem dúvida, ocupa um lugar especial na obra crítica literária. Em nenhuma outra oportunidade, Sebald se expressou com tantos detalhes sobre questões políticas (do cotidiano), ligadas aos axiomas de sua filosofia heterodoxa (histórica), a qual – heurísticamente baseada nas formulações de Sebald – deve ser chamada de “história natural da destruição”²¹. Além disso, em Tübingen, ele falou sobre questões poetológicas fundamentais, com base nos pré-requisitos para a escrita literária, mas também sobre fenômenos político-culturais e sobre a interdependência entre fatores socioeconômicos e produção literária.

Inicialmente, o que chama atenção no ensaio é o espírito de antagonismo perceptível ao longo de todo o texto e que poderia ser interpretado de várias

¹⁸ *Ibidem*, p. 66.

¹⁹ Winfried Sebald, “Europäische Peripherien”, 1992, p. 32–34.

²⁰ *Ibidem*, p. 34–36. O artigo publicado anonimamente relata perguntas dos participantes assim como as respostas de Sebald em discurso indireto, enriquecido por declarações de Sebald, que presumivelmente são citadas de memória.

²¹ Como em relação à sua estreia literária *Nach der Natur* em uma carta a Thomas Beckermann, de 6 de setembro de 1987, cf. Uwe Schütte, *Interventionen: Literaturkritik als Widerspruch bei W.G. Sebald*, 2014, p. 500.

formas: como a consciência de um certo não pertencimento ao grupo de convidados; como uma reserva contra a viagem à Alemanha ou à Universidade de Tübingen como um lugar intelectual; como recusa de convenções acadêmicas e regras discursivas ou talvez como uma expressão daquele “desamparo implacável e melancólico” que Wertheimer notou. O hino ao ceticismo britânico em relação à Europa, que se desenrola na abertura do ensaio, é indicativo disso, ainda que Sebald de forma alguma fosse a favor do patriotismo xenofóbico dos conservadores ingleses.

O que o impressiona, porém, é a recusa obstinada em aceitar o projeto da União Europeia. É inegável que Sebald transfere seu *habitus* pessoal de rebelião contra regulamentações externas²² para a política europeia britânica, na qual, de forma estruturalmente semelhante, “tudo aquilo que de alguma forma lembra a conformidade é sempre [considerado] com extremo ceticismo”²³. O termo “conformidade” – certamente escolhido com cuidado e que se refere obviamente ao objetivo positivo de criar condições iguais ou comparáveis na Europa através da “realização de uma união cada vez mais estreita dos povos europeus”²⁴ – seria hoje provavelmente descrito como microagressão verbal.

Com essa alfinetada, Sebald marca sua posição crítica “sobre questões relacionadas à integração europeia”²⁵ e, encaixando um novo golpe, argumenta que

[...] o ceticismo inglês tem sua razão não apenas no apego emocional dos ingleses ao seu passado (um problema com o qual os alemães não se preocupam), mas também na suposição, que não pode ser facilmente rejeitada, de que o que está se desenvolvendo na Europa, o megamercado, é completamente incalculável e inescrutável em suas consequências²⁶.

Com isso, são estabelecidas duas coordenadas centrais. Por um lado, Sebald rejeita todo o significado do evento de Tübingen: por que se deveria

²² Basta pensar no fato de que ele ou se recusou a ter um computador instalado em sua sala na universidade ou foi expulso da sala do seminário no qual seria verificada a qualidade didática das suas aulas, no âmbito de uma avaliação da qualidade do ensino, cf. Uwe Schütte, *W. G. Sebald: Leben und literarisches Werk*, 2020, p. 37.

²³ Winfried Sebald, “Europäische Peripherien”, 1992 p. 65.

²⁴ União Europeia, *Vertrag über die Europäische Union*, 1992, Artikel A.

²⁵ Winfried Sebald, *Op. Cit.*, 1992, p. 65.

²⁶ *Ibidem*, p. 65.

estabelecer um acordo entre “contextos e tradições culturais pan-europeias”²⁷, se não no contexto de uma crença iluminista, que aposta no desenvolvimento de perspectivas viáveis para o progresso social, cultural e, por último, mas não menos importante, político?

Por outro lado, Sebald baseia sua visão da então recém-fundada União Europeia de forma materialista e não cultural, concebendo o “projeto europeu”²⁸ principalmente em termos econômicos, constatando a “despolitização contínua”, realizada sob a tutela do neoliberalismo a partir dos anos 1980, e queixando-se de que representa “uma ilusão” acreditar que “os assuntos nacionais ou interestaduais ainda hoje sejam regulados por diretrizes políticas”²⁹.

Dessa forma, ele contradiz dois princípios do discurso liberal de esquerda, que prevalece entre intelectuais e acadêmicos: a crença idealista na importância da cultura e a mudança política da sociedade para melhor. Já o capitalismo desencadeado ele considera como a força motriz do curso atual da história. Segundo Sebald, “as entidades políticas são ‘abolidas’ do aparato econômico e industrial”. Não se trata, porém, “como se poderia pensar, dos chamados líderes”³⁰, ou seja, de poderosos líderes econômicos. Provavelmente ele tinha em mente patriarcas tradicionais de grandes empresas, que passaram a ocupar cargos de liderança desocupados por administradores, “homens e mulheres pouco privilegiados, transformados pelos antigos governantes políticos”³¹.

Sebald não localiza mais o poder, como tradicionalmente, nos governantes, mas – reconstruindo uma figura de pensamento de Foucault, embora, simultaneamente, não se baseie nela – localiza-o “como suspeito, naqueles pontos muitas vezes existentes de forma apenas virtual, a partir dos quais a autoproliferação (a lei básica de todo o desenvolvimento econômico) parece ser necessária”³². Com isso, ele segue as considerações que surgiram inicialmente no contexto do primeiro ensaio sobre o complexo da guerra aérea e

²⁷ Folheto do 1.º Fórum de Literatura de Tübingen.

²⁸ Winfried Sebald, *Op. Cit.*, p. 65.

²⁹ *Ibidem*, p. 65.

³⁰ *Ibidem*, p. 66.

³¹ *Ibidem*, p. 66.

³² *Ibidem*, p. 66.

da literatura: "Zwischen Geschichte und Naturgeschichte: Versuch über die literarische Beschreibung totaler Zerstörung mit Anmerkungen zu Kasack, Nossack und Kluge" [Entre Historia e História Natural: sobre a descrição literária da destruição total com notas sobre Kasack, Nossack e Kluge], publicado pela primeira vez em 1982.

Nesse ensaio, Sebald, a partir de sua leitura do texto de Alexander Kluge sobre o bombardeio de Halberstadt, sua cidade natal, concebe os esquadrões bombardeiros, citando Kluge, como "200 instalações industriais de médio porte"³³ e a guerra de bombardeios ou a destruição das cidades como um epifenômeno da industrialização, razão pela qual a lógica interna da guerra aérea corresponde ao mesmo princípio básico que caracteriza a industrialização: o "princípio abstrato da esperança [parece] quase não mais se justificar", tendo em vista o "curso planejado de um ciclo operacional" através do envio de um esquadrão de bombas para aniquilar uma cidade e sua população civil, uma vez que "no planejamento dessa destruição, um tal quantum de engenhosidade, mão de obra e capital é utilizado, que a realização do projeto de planejamento *deve* então ocorrer sob a compulsão do potencial acumulado"³⁴.

Esse "deve", que aparece em itálico no original, refere-se precisamente ao automatismo imanente do sistema que, para Sebald, tomou o lugar das visões tradicionais de um governante/líder econômico/comandante da força aérea como um livre decisor quando ele fala, em Tübingen, da "autoproliferação" como lei básica da economia. (O fato de que as "fábricas de morte" em Auschwitz e em outros lugares tenham sido baseadas no princípio do genocídio industrialmente organizado, e que o Holocausto não está apenas ligado à guerra aérea dos Aliados pelo signo do fogo, como Sebald mais tarde sugerirá, é mencionado neste ponto apenas entre parênteses).³⁵

³³ Winfried Sebald, "Zwischen Geschichte und Naturgeschichte: Versuch über die literarische Beschreibung totaler Zerstörung", 2003c, p. 96.

³⁴ *Ibidem*, p. 96. A passagem paralela em *Luftkrieg und Literatur* pode ser encontrada nas páginas 70-71 da edição de bolso.

³⁵ Cf. meu ensaio "Feuer" in: Uwe Schütte, *Annäherungen: Sieben Essays zu W. G. Sebald*, 2019, p. 179-218.

4. A história natural da destruição

Em “Europäische Peripherien”, Sebald deixa mais claro que em qualquer outra ocasião que, devido ao princípio básico da autoproliferação, não só se pode comparar o fenômeno econômico com o fenômeno autopoietico da evolução, mas, infinitamente mais importante, ele opera como um subsistema da história natural de destruição. “Na verdade”, afirma Sebald, “os processos macroeconômicos são muito mais histórico-naturais do que nossas tentativas de combatê-los, inspiradas por considerações políticas e sociais”³⁶.

O pensamento determinista e sombrio de Sebald, que se baseia no conceito da história natural da destruição – uma figura de pensamento que permeia tanto sua literatura quanto sua crítica literária, embora nunca seja abordada de forma discursiva mais precisa e detalhada – é algo como um buraco negro na sua obra: tudo nela se relaciona, mais ou menos, a essa figura, contudo, seu conceito só pode ser determinado indiretamente, a partir dos vestígios que deixou na obra. No entanto, a discreta ação secundária do discurso de Tübingen desempenha um papel importante, o que justifica meu estudo detalhado desse texto de apenas três páginas.

Na sinopse das respostas à sua palestra, publicada sob o título “Bemerkungen zum Beitrag von W.G. Sebald” [Comentários sobre a palestra de W. G. Sebald], é mencionado de forma contundente que Sebald se refere ao modelo explicativo concêntrico na discussão, ao qual também se referiu em outros contextos de debate:

[...] o processo econômico precederia tudo e teria adquirido tal poder e impulso que ninguém poderia prever as consequências. Sebald traçou uma visão concêntrica do mundo. No centro, estaria a cultura; em torno dela, o *cordon sanitaire* da esfera sociopolítica – ambos delimitados pelo sistema econômico e depois pelos processos da história natural. “Acredito que os processos decisivos hoje ocorram na interface entre a história natural e a economia, e que tudo o que dizemos sobre política e cultura é secundário, terciário, sem sentido. Como será nossa vida em 10, 20, 30 anos, será decidido unicamente a partir desse ponto”³⁷.

³⁶ Winfried Sebald, “Europäische Peripherien”, 1992, p. 66.

³⁷ Jürgen Wertheimer, “Bemerkungen zum Beitrag von W.G. Sebald”, 1992, p. 35. Sobre o modelo circular, cf. também a conversa com a jornalista Renate Just: “Em algum lugar na costa de Suffolk, Sebald desenha círculos concêntricos na areia com o dedo, os anéis de Saturno que nos circundam

No entanto, atribuir a evolução socioeconômica aos pressupostos da história natural, como fez Sebald com toda consistência, mas também com grande indeterminação, suscita naturalmente todo o tipo de contradições e pontos de crítica. Deve-se notar, por exemplo, que o determinismo de seu pensamento é incompatível com sua fundamentação materialista ou que as leis biológico-evolucionárias, que governam a história natural, não podem ser simplesmente transferidas para as condições sociais. Ao mesmo tempo, é simplista demais situar o pensamento pessimista de Sebald em um contexto de descrédito histórico-intelectual, como o de um pessimismo cultural *à la* Spengler.³⁸

Sebald provocou a réplica raivosa, parece-me, com plena intenção e satisfação maliciosa. Aparições públicas, em que buscou a contradição com intenções antagônicas ou visou decepcionar as expectativas de seus ouvintes, fizeram parte de seu comportamento ao longo de sua vida, desde seus trabalhos de qualificação até a polêmica desencadeada em Zurique em relação a suas teses sobre guerra aérea e literatura.³⁹ A palestra de Tübingen, portanto, pertence ao contexto do virulento regresso do polemista Sebald, que experimentou um clímax por volta de 1991/92 com a obra inédita encomendada para um volume de matérias sobre Jurek Becker e o ataque a Alfred Andersch, que – por acaso ou não – coincidiu com sua ascensão como autor literário.⁴⁰

No entanto, psicologizar que as dores de cabeça de Sebald enquanto trabalhava na palestra e a sua falta de vontade de viajar para longe o tornaram

e nos mantêm cativos. Por fora, estaria o cosmos inefável, depois o planeta com sua história natural, depois os anéis que determinam a nacionalidade, a origem social, e por fim o círculo compulsório mais interno, o corpo com seus males” (Renate Just, “Im Zeichen des Saturn: ein Besuch bei W.G. Sebald”, 1997, p. 38); bem como a última entrevista de Sebald, concedida ao jornalista Uwe Pralle, cf. Winfried Sebald, *Auf ungeheuer dünnem Eis: Gespräche 1971 bis 2001*, 2011a, p. 259.

³⁸ Cf. de forma exemplar: “O discurso de uma história natural de destruição permanece intimamente ligado à metafísica e à filosofia apocalíptica da história, tão proeminente na tradição alemã” (Andreas Huyssen, “Rewritings and New Beginnings”, 2012, p. 246).

³⁹ Por exemplo, sua presença, em 1983, no Colóquio International Alfred Döblin, na Universidade de Freiburg, no qual ele apresentou várias teses exageradas – incluindo a disposição necrofílica de Döblin – menos para discussão e mais para provocar os presentes, porque ele deixou a sala da conferência imediatamente após o final de sua palestra sem dizer uma palavra. Cf. Uwe Schütte, *Interventionen: Literaturkritik als Widerspruch bei W. G. Sebald*, 2014, p. 126.

⁴⁰ Sobre as duas polêmicas, cf. *Ibidem*, p. 404-475.

irritável, o que depois se manifestou nas teses pessimistas, parece demasiado simplista. Parece-me mais conveniente virar o jogo: a aversão íntima e psicossomática de Sebald à viagem a Tübingen resultou do fato de que estava claro para ele que suas convicções sombrias dificilmente poderiam ser conciliadas com o que era esperado de um evento como o Fórum Literário, mesmo que se tratasse de um evento em que, segundo o anúncio oficial, apoiava-se a “ideia de uma forma – no bom sentido – polêmica de discurso”⁴⁰.

5. Stanisław Lem e a impossibilidade da futurologia

A história natural da destruição abarca o fato de Sebald considerar difícil a tentativa de prever o futuro desenvolvimento da cultura europeia a partir de uma perspectiva autocrítica. Ele não pretende, de modo algum, contestar a perícia dos escritores, tradutores, historiadores e políticos culturais reunidos em Tübingen. Pretende sobretudo apresentar a tese, derivada da fundamentação evolutiva da história natural da destruição, de que o próprio processo de unificação europeia é parte de “um processo abrangente, que, como todos os processos evolutivos, é governado pelo princípio da ausência programática”⁴¹.

Como fonte dessa rejeição da soberania interpretativa dos especialistas, ele invoca um nome raramente mencionado como figura-chave no campo dos estudos literários e históricos, mas que aparece nos ensaios de Sebald, de 1980 a 1983, na forma de lemas, paráfrases e citações, como uma autoridade em questões sobre o futuro:

Extrapolar previsões a partir do *status quo* e das perspectivas atuais, como sabemos pelas convulsões dos últimos anos⁴², não faz muito sentido. Stanisław Lem lembra, na introdução de seu *Summa technologiae*, que os utópicos do século XIX imaginaram um mundo cheio de balões aéreos e movido por máquinas a vapor – que nos parece muito estranho hoje. É tão impossível para o áugure mais iniciado quanto para o leigo mais ignorante

⁴⁰ Folheto do 1.º Fórum de Literatura de Tübingen.

⁴¹ Winfried Sebald, “Europäische Peripherien”, 1992, p. 65.

⁴² Obviamente faz-se referência nesse ponto ao fim da Guerra Fria, ao colapso do Bloco do Leste e, portanto, ao que na Alemanha, dependendo da origem e da perspectiva, poderia ser chamado de “momento decisivo” ou “experiência da derrota” (Heiner Müller).

derivar a forma de um futuro europeu a partir do que a Europa já foi ou do que é hoje⁴³.

Stanisław Lem é mencionado apenas brevemente em Tübingen, mas seus “ensaios futuroológicos fascinantes”⁴⁴ tiveram, em torno de uma década antes, uma influência essencial na formação da história natural da destruição. Além disso, seu volume *Imaginäre Größe* [Magnitude Imaginária], que Sebald obteve imediatamente após sua publicação em março de 1981, desempenhou um papel importante não apenas para a redação de seus ensaios no início dos anos 1980, mas especialmente para sua primeira tentativa de se estabelecer como autor literário.

Sebald, no roteiro experimental para televisão com o belo título *Jetztund kömpt die Nacht herbey: Ansichten aus dem Leben und Sterben des Immanuel Kant* [Agora a noite está chegando: vistas da vida e morte de Immanuel Kant], ainda não publicado, não apenas implanta duas passagens mais longas e não marcadas do livro de Lem, cada uma com cerca de 200 palavras, na forma de comentário⁴⁵, mas também se refere a ele de diversas maneiras no seu ensaio sobre guerra aérea, de 1982, bem como no ensaio sobre Peter Handke e a história de Tormann, de 1983 e, sobretudo, no ensaio sobre Kafka, escrito no mesmo ano, mas publicado apenas em 1986.⁴⁶

Na sinopse dessas referências ao autor polonês, além dos problemas das avançadas máquinas pensantes, imaginadas por Lem, e seu domínio sobre as pessoas, emerge como significativa, em Sebald, a teoria de uma evolução que “saiu dos trilhos”⁴⁷, desenvolvida pelo supercomputador GOLEM XIV na “Palestra Inaugural de Golem”⁴⁸. O supercomputador teria dominado a tarefa

⁴³ Winfried Sebald, *Op. Cit.*, 1992, p. 65. A passagem referida pode ser encontrada em Stanisław Lem, *Summa technologiae*, 1981, p. 15.

⁴⁴ *Idem*, “Unterm Spiegel des Wassers: Peter Handkes Erzählung von der Angst des Tormanns”, 1994a, p. 121.

⁴⁵ Sobre o projeto Kant, que está disponível em três versões, cf. Uwe Schütte, “Durch die Hintertür: zu W.G. Sebalds unveröffentlichter Szenenreihe über das Leben und Sterben des Immanuel Kant”, 2016, p. 65-98.

⁴⁶ Traço o curso e o contorno mais preciso da recepção de Lem por Sebald em um ensaio especificamente dedicado ao tema, incluído no número especial da revista *Prace Literaturoznawcze*, publicada por ocasião do ano de 2021, como ano comemorativo, dedicado a Lem.

⁴⁷ Cf. Stanisław Lem, *Imaginäre Größe*, 1996, p. 146-205.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 180.

quase inconcebível de criar o milagre da vida a partir de matérias-primas mais simples com a ajuda da luz solar.

No entanto, a cada passo posterior, baseado no engenhoso princípio da fotossíntese – argumenta GÖLEM, da perspectiva de um cérebro eletrônico equipado com inteligência artificial – a evolução permaneceu aquém do esperado, pois o avanço crescente das soluções elegantes do início resultou em organismos com estruturas fisiológicas cada vez mais complexas. Estas não apenas são mais suscetíveis a falhas, mas exigem um controle para além do comportamento puramente instintivo – razão pela qual a mente se desenvolveu como uma solução de emergência nos seres humanos.

Trata-se, portanto, de transformar o entendimento comum da evolução: “Vocês confundiram duas coisas completamente diferentes ao considerar o grau de complexidade e o grau de perfeição de uma estrutura como propriedades indissociáveis uma da outra”⁴⁹, afirma GÖ/Lem. Sebald observa o seguinte no ensaio sobre Kafka:

Comparada ao milagre da fotossíntese, a constituição fisiológica do ser humano é uma obra primitiva. E a aquisição da capacidade de pensar sobre a própria vida transformou completamente o gradiente negativo da história natural em um caminho fora dos trilhos⁵⁰.

A formulação do “gradiente negativo da história natural”, que Sebald tomou literalmente emprestado de Lem⁵¹, aparece não apenas em suas entrevistas⁵², mas é incluída, por exemplo, em sua estreia literária *Nach der Natur* [Após a natureza], através da formulação de que a existência da humanidade aparece ao pintor Grünewald como “uma regeneração fora dos

⁴⁹ *Ibidem*, p. 172.

⁵⁰ Winfried Sebald, “Tiere, Menschen, Maschinen: zu Kafkas Evolutionsgeschichte”, 1986, p. 198, grifos meus.

⁵¹ Cf., por exemplo, “COM RELAÇÃO À PERFEIÇÃO DAS SOLUÇÕES ENCONTRADAS DE ORGANISMO PARA ORGANISMO, É VÁLIDO UM GRADIENTE NEGATIVO NA EVOLUÇÃO” (Stanislaw Lem, *Op. Cit.*, 1996, p. 170); a adição ocorre pelo menos cinco vezes nas páginas seguintes.

⁵² Cf. “Portanto, há sempre algo [...] acontecendo, que torna o gradiente negativo de desenvolvimento ainda mais negativo. E, nesse sentido, simplesmente não pode ser interrompido” (Winfried Sebald, *Auf ungeheuer dünnem Eis: Gespräche 1971 bis 2001*, 2011a, p. 149) ou “Essas histórias de guerra [...] são para mim uma tentativa de retratar uma demência coletiva. Vejo tudo isso como processos histórico-naturais, em que todos têm esse gradiente negativo, e vamos ficando cada vez mais insanos” (*ibidem*, p. 114).

trilhos”⁵³. Como se pode perceber sem dificuldades, a ideia desconstruída de evolução como um processo de descendência progressiva forma a polaridade negativa do conceito de história natural de destruição.

6. Pierre Bertaux e a mutação da humanidade

Em Tübingen, fazendo referência a Lem, Sebald negou a possibilidade de "inferir a forma de um futuro europeu" a partir do presente, o que, é claro, não o impediu de tentar uma prévia da forma vindoura da Europa com base em outra figura-chave. Esta, entretanto, dificilmente pertence ao arsenal dos teóricos aprovados em tais assuntos: trata-se do germanista francês Pierre Bertaux. Devido à sua tese de que o "derradeiro" Hölderlin não era louco, mas um jacobino e, portanto, um "nobre simulador" ao longo de sua vida, Bertaux foi, no mínimo, altamente controverso nos principais círculos especializados.

Com razão. A provocativa biografia de Bertaux foi publicada em alemão em 1969, por assim dizer, de acordo com o *Zeitgeist* da época. “Esse livro era como um pouco de ar fresco”⁵⁴, conforme a retrospectiva do especialista em Hölderlin, Rüdiger Görner, em 2016. Em 1982, porém, Adolf Beck condenou a tentativa de resgate de Hölderlin pelo dissidente Bertaux como “documento de uma época em que 'novarum rerum cupidi' se imaginavam chamados a se expressar. Uma época cuja imagem – para não dizer cuja doença – incluía o vício da publicidade e da sensação”⁵⁵.

Dez anos mais tarde, Sebald seguiu seu colega Görner na avaliação do livro, mas muito mais importante do que seu apoio provocativo a Hölderlin foi o compromisso do lutador da resistência, cosmopolita e erudito universal Bertaux contra o fascismo, especialmente porque Sebald reconheceu no francês um germanista estrangeiro igualmente polêmico.

⁵³ Winfried Sebald, *Nach der Natur*, 1995a, p. 23.

⁵⁴ Rüdiger Görner, *Hölderlin und die Folgen*, 2016, p. 92.

⁵⁵ Adolf Beck, *Hölderlins Weg zu Deutschland: Fragmente und Thesen – Mit einer Replik auf Pierre Bertaux*, 1982, p. 212.

Também é perfeitamente concebível que esta seja uma das razões pelas quais Sebald invoca, em Tübingen, a primeira obra de Bertaux publicada na Alemanha: o ensaio *Mutation der Menschheit* [Mutações da Humanidade]⁵⁶, publicada em 1963, uma vez que este faz parte do seminário de estudos germanistas em que, a partir de 1943, o membro da SA e do partido nazista Friedrich Beißner iniciou seu trabalho na edição histórico-crítica de Hölderlin, com a bênção expressa do governo de Hitler. Inconcebível imaginar que Sebald⁵⁷, grande admirador de Hölderlin, não tivesse conhecimento desse fato e não tenha sido afetado por ele.⁵⁸

Melissa Etzler, a primeira a enfatizar a importância central de "Mutation der Menschheit" para a compreensão dos escritos literários e crítico-literários de Sebald, caracterizou, em 2014, a obra astutamente como "texto muito pouco estudado e injustamente negligenciado em termos dos estudos de Sebald"⁵⁹. Em sua dissertação, ela consegue demonstrar a importância da escrita de Bertaux a partir da constelação do desenvolvimento animal em Sebald e Herbeck.⁶⁰

No entanto, neste ponto, trata-se de um traço diferente. Na verdade, pode-se dizer que se trata de uma linha vermelha que atravessa a obra de Sebald de forma discreta, mas significativa. Porque as teses tecnocríticas dos prognósticos futuroológicos do ousado ensaio de Bertaux provaram-se complementares às ideias de Lem. A forma evolucionista de raciocínio de Bertaux também se encaixa perfeitamente no modelo histórico-natural de uma história natural da destruição: Bertaux enfatiza repetidamente

[...] que o desenvolvimento biológico não está completo, que, em seu curso, a humanidade atual é apenas uma fase transitória, que algo surgirá do ser

⁵⁶ Sebald usou a edição de bolso do livro, publicada em 1979.

⁵⁷ Sobre Sebald e Hölderlin, cf., por exemplo, Patrick Lennon, "In the Weavers' Web: An Intertextual Approach to W.G. Sebald and Laurence Sterne", 2006, p. 91-94.

⁵⁸ Sobre a veemente oposição aos grandes dos estudos germanísticos, que a seu ver haviam se desqualificado por sua cumplicidade com o nacional-socialismo, especialmente a exemplo de Wilhelm Emrich, cf. Uwe Schütte, *Interventionen: Literaturkritik als Widerspruch bei W. G. Sebald*, 2014, p. 65-114.

⁵⁹ Melissa Starr Etzler, *Writing from the Periphery: W. G. Sebald and Outsider Art*, 2014, p. 85. Sua referência, é claro, não mudou nada em relação ao desprezo dos pesquisadores de Sebald.

⁶⁰ Cf. *ibidem*, p. 85-95.

humano que, embora derivado dele, não corresponderá mais exatamente ao que pensamos sobre o sentido da palavra "humano"⁶¹.

Ele considera essa mutação inexorável, "um fenômeno natural", pois se trata de "uma adaptação da espécie às novas circunstâncias [...] indiferente à lamentação e ao júbilo". Sebald estima que esse fenômeno ocorrerá "em um futuro previsível – no decorrer das próximas três gerações" – e enfatiza, para evitar mal-entendidos, que se trata de uma "mudança de natureza genética [...], no sentido *genético* de uma *mutação*", embora seja claro que "não acontece de uma única vez, mas através do acúmulo de 'pequenas mutações' na mesma direção, por meio de uma série de passos, o primeiro dos quais já foi dado"⁶².

É possível referir-se a *Mutation der Menschheit* como um "livro básico" para o desenvolvimento da obra posterior de Sebald – mesmo que isso não seja necessariamente óbvio nem possa, em alguns aspectos, ser provado de forma convincente. Há congruências notáveis, por exemplo, no que diz respeito à queixa de Sebald sobre a destruição das florestas, que teve início já na antiguidade ("as costas do Mediterrâneo eram cobertas por florestas; Creta era coberta por ciprestes; mesmo até à invasão árabe do Hilal Banu, podia-se caminhar à sombra das árvores do Cairo a Marrakesh"⁶³), ou o fato de Sebald citar repetidamente "que o homem é o único animal realmente mau, fundamentalmente mau; o único animal metódica e deliberadamente destrutivo"⁶⁴, ou ainda o prazer irracional na destruição como, em termos antropológicos, a forma talvez mais clara da história

⁶¹ Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 7.

⁶² Esse parágrafo reúne citações breves de Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 11-13.

⁶³ Cf. a pergunta de Salvatore em *Schwindel: Gefühle*: "Você sabia que na época de Scipio ainda era possível caminhar do Egito até Marrocos à sombra das árvores? À sombra das árvores!" (Winfried Sebald, *Schwindel: Gefühle*, 1994b, p. 150); ou a declaração de Sebald em entrevista: "A natureza orgânica vai desaparecer. Nós já podemos vê-la desaparecer no jardim. [...] Toda a Península Ibérica era arborizada; você poderia andar da cordilheira do Atlas até o Cairo à sombra das árvores na época de Scipio (Lynne Sharon Schwartz, *The Emergence of Memory: conversations with W. G. Sebald*, 2007, p. 102); ou "na época de Scipio // era possível / atravessar a África do Norte / à sombra das árvores" (Winfried Sebald, "Gedichte", 2001, p. 68).

⁶⁴ Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 20. Cf., por exemplo, "Nada nos dá maior sensação de segurança como a terra queimada. É por isso que cobrimos repetidamente os países de nossos inimigos com fogo. Mesmo em tempos de paz, a medida do nosso poder é o poder de fogo de nossos arsenais e locais de produção" (Winfried Sebald, "Aufzeichnungen aus Korsika: zur Natur- und Menschenkunde", 2008, p. 209).

natural da destruição: “O ser humano ama o poder, e o poder para destruir é o mais barato de se obter”⁶⁵.

Essa lista poderia ser continuada, mas vamos nos limitar ao tangível. Um paralelo ainda mais incisivo com Lem consiste no fato de Sebald tomar literalmente emprestada uma extensa passagem de *Mutation der Menschheit* para o projeto Kant, e novamente apenas pouco tempo após a publicação da edição de bolso utilizada por Sebald. Trata-se da significativa cena final, que negocia uma constelação de ficção científica quase à maneira Lemiana: o portavoz do projeto Kant imagina, reproduzindo um experimento mental de Bertaux, a visão que seria apresentada aos observadores extraterrestres que acompanham o desenvolvimento do planeta Terra da perspectiva de um satélite de observação em órbita ao longo de um período de 8.000 anos.⁶⁶

O curso da civilização, observado em câmera rápida, é caracterizado por Bertaux antropomorfizantemente como um processo de doença: do ponto de vista dos observadores extraterrestres, teve início com o surgimento de aldeias, “pequenas manchas”, que “porém iam se multiplicando cada vez mais rápido – como se nosso planeta tivesse contraído sarampo”. Quando as primeiras cidades surgem, para os alienígenas, “parecem furúnculos” nos quais “estradas e ferrovias se conectam através de um [...] sistema vascular”.

Há 100 anos, é reconhecível o início de uma terceira doença de pele na crosta terrestre, pústulas maiores que lembram eczema:⁶⁷ uma área industrial. [...] O observador distante, para quem o agente causador dessas

⁶⁵ Pierre Bertaux, *Op. Cit.*, 1979, p. 21. Cf., por exemplo, a desolação de Sebald sobre o “mundo das espécies de plantas superiores que foram finalmente abandonadas à destruição” (Winfried Sebald, “Ausgrabung der Vergangenheit”, 2011b, p. 344); sua interpretação da história bíblica da expulsão dos demônios, que leva à morte de muitos porcos, “o que, quando refletimos bem sobre o assunto, equivale a termos de descarregar repetidas vezes nossa razão humana doentia sobre outra espécie que consideramos inferior e digna de nada além da destruição” (Winfried Sebald, *Die Ringe des Saturn*, 1997, p. 86); a descrição da paisagem urbana em Manchester, causada pela industrialização em *Nach der Natur* ou “von Hamburg durch den Feuersturm”, de julho de 1943, em *Luftkrieg und Literatur*; bem como as observações de Sebald em “selbstzerstörerische Geschäft des Schreibens” (Winfried Sebald, *Logis in einem Landhaus: über Gottfried Keller, Johann Peter Hebel, Robert Walser und andere*, 2000, p. 64.)

⁶⁶ Que a cena final não era de autoria de Sebald eu ainda não havia percebido quando escrevi o ensaio sobre o projeto Kant, em 2016.

⁶⁷ Nesse imaginário dermatológico pode-se reconhecer uma inspiração para *Austerlitz*, onde, em muitas representações pitorescas de Londres, a cidade aparece como “uma espécie de excrescência ou encrostamento da superfície da terra” (Winfried Sebald, *Austerlitz*, 2003a, p. 153).

doenças, a bactéria "humana", permanece oculto, vê apenas os inchaços, os nódulos e as áreas de inflamação⁶⁸.

O ponto que Bertaux fez com essa descrição da civilização como um processo patográfico, impulsionado pela disseminação bacteriológica do agente patogênico "ser humano", constitui a conclusão da megacitação sebaldiana: devido à sua posição de observadores distantes, os alienígenas não são capazes de perceber indivíduos, mas apenas de reconhecer "*comportamentos*" coletivos de um organismo primitivo. Além disso:

Nós, que observamos o fenômeno humano de uma perspectiva interna, somos tentados a ver *apenas os motivos*; por lidarmos exclusivamente com eles, escapa-nos o caráter geral do fenômeno, suas características proeminentes, que, em última análise, são mais claras de uma perspectiva externa⁶⁹.

A passagem copiada se estende por quase 550 palavras.⁷⁰ O que deveria legitimar o processo de Bertaux de se afastar das perspectivas políticas cotidianas e mesmo históricas para substanciar a perspectiva genético-evolucionista de sua polêmica torna-se, na obra literária de Sebald, uma crítica anti-iluminista da tese kantiana de que a humanidade está em constante progresso em direção ao melhor.

Esse cenário de Bertaux, integrado ao roteiro, não fornece apenas o primeiro exemplo de tomada daquela "visão aérea"⁷¹, que aparece ao longo da obra de Sebald, a fim de abrir dimensões de reflexão histórico-filosófica. Constitui também um excelente exemplo do pronunciado método intertextual de Sebald de integrar fontes não marcadas (um eufemismo para o plágio de páginas a fio) e, ao mesmo tempo, seguir o princípio de não revelar explicitamente sua fonte como autor, deixando, contudo, traços claros *pour ceux qui savent lire*.⁷²

⁶⁸ Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 183, assim como, palavra por palavra, no primeiro roteiro, p. 40, e no segundo roteiro, p. 47, respectivamente; Sebald apenas dissolve os parênteses em torno da expressão área industrial.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 182.

⁷⁰ Na primeira versão do roteiro; a segunda é ligeiramente reduzida. Na terceira versão, o plágio a Bertaux é completamente eliminado.

⁷¹ Sebald, projeto Kant, primeiro roteiro, p. 42.

⁷² Sebald usou essa formulação em uma carta para um colega, cf. Arthur Williams, "W.G. Sebald's three-letter word: on the parallel worlds of the English translations", 2013, p. 26.

Em meados da década de 1980, por exemplo, Sebald novamente se referiu a *Mutation der Menschheit* em dois ensaios centrais: um deles, o ensaio “Die Kunst der Verwandlung: Herbert Achternbuschs theatralische Sendung” [A Arte da Metamorfose: a transmissão teatral de Herbert Achternbusch], escrito com base em sua palestra sobre drama alemão contemporâneo na UEA em abril de 1987, ainda que a referência permaneça um tanto superficial.⁷³ O ensaio é sobretudo marcante pela comparação estrutural feita por Sebald – veiculada pelo conceito de “fábrica da morte” – entre os matadouros da atualidade e os campos de concentração do nacional-socialismo.⁷⁴

O trecho seguinte, uma radicalização do pensamento de Bertaux, surge na sequência da comparação proibida para formar o arco final do ensaio:

Porcos somos nós, em sentido duplo. Nós somos carne da sua carne e consumimos a natureza, não só a natureza à nossa volta, mas também a natureza em nós e, portanto, em última análise, nós próprios. A mutação da humanidade já está em curso, o que Achternbusch chama de “endireitamento dos cérebros”. É tudo uma questão de moral. Afinal, até o Pato Donald, animal elementar da socialização, come no Natal, sem remorso, com seus sobrinhos Huguinho, Zezinho e Luizinho [...], um pato⁷⁵.

Também fica bem clara a influência de Bertaux no notável ensaio sobre Franz Kafka, que se seguiu a um pedido do *Times Higher Education Supplements* no início de 1983, uma contribuição para o centésimo aniversário do escritor. Na versão alemã, publicada três anos depois em *Literatur und Kritik* [Literatura e Crítica] sob o título “Tiere, Menschen, Maschinen: Zu Kafkas Evolutionsgeschichten” [Animais, Pessoas, Máquinas: sobre as histórias evolutivas de Kafka], lê-se:

As conjecturas que Kafka desenvolve em suas histórias sobre metamorfose são de inegável interesse em uma época como a atual, em que uma profunda mutação da humanidade parece estar emergindo. É notável como poucas críticas ocorreram até o momento, embora seja precisamente a dimensão epistemológica do problema de uma previsão para uma

⁷³ Esse ensaio foi reciclado várias vezes, além da versão em inglês nos anais da conferência “The Art of Transformation: Herbert Achternbusch’s Theatrical Mission”, 1988, p. 174–184, também em versão alemã no *Frankfurter Rundschau am Wochenende*, de 11 de abril de 1987, e ainda em um volume comemorativo para seu mentor Ronald Peacock: Dorothy James e Sílvia Ranawake, *Patterns of Change: German drama and the European tradition*, 1990, p. 297–306.

⁷⁴ Cf. Uwe Schütte, *Annäherungen: Sieben Essays zu W. G. Sebald*, 2019, p. 146–148.

⁷⁵ Winfried Sebald, “Die Kunst der Verwandlung: Herbert Achternbuschs theatralische Sendung”, 1987, p. 306.

constituição historicamente diferente da espécie que tenha ocupado Kafka por um longo tempo⁷⁶.

Segundo Sebald, Kafka ocupa-se da mesma temática presente em *Mutation der Menschheit*, a saber, a "transformação psicológica e física do ser humano em uma forma de existência transumana"⁷⁷. Assim, Sebald lê "Bericht für eine Akademie" [Relatório para uma Academia] como um texto que "fala que as máquinas nos sucederão, um conto de fadas que, contudo, no momento em que as máquinas estão prestes a nos aliviar do peso do conhecimento, traduz-se em realidade"⁷⁸. Kafka consegue mostrar "que a transição de um estado da matéria para outro – do animal para o humano e do humano para a máquina – é bastante fluida"⁷⁹.

A metáfora do estado da matéria citada acima, por sua vez, aparece na palestra de Tübingen, que representa, nesse momento, um ponto de inflexão na discussão e na produção de *Mutation der Menschheit*, quando, pela primeira vez, dá-se nome aos bois. Com efeito, Sebald se refere explicitamente

[...] ao aumento da densidade molecular de nossa espécie descrita por Pierre Bertaux em seu livro *Die Mutation der Menschheit*. A essa analogia está relacionada a ideia de uma massa cujas moléculas são colocadas em movimento cada vez mais rápido pelo fornecimento de energia (mobilidade é a nova palavra mágica), até finalmente atingirem um novo estado da matéria. Contudo, se o novo estado europeu da matéria ainda corresponderá à ideia de uma sociedade composta por indivíduos autônomos parece, no mínimo, questionável⁸⁰.

Se lermos juntos os textos em que *Mutation der Menschheit* deixou sua marca, emerge a suscetibilidade de Sebald a um pensamento histórico-filosófico, orientado não apenas pelo princípio básico da Biologia, mas também estruturalmente pelas leis básicas da Física. Pode-se, portanto, assumir que a

⁷⁶ Winfried Sebald, "Tiere, Menschen, Maschinen: zu Kafkas Evolutionsgeschichte", 1986, p. 195.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 196. A problemática exposta por Kafka retorna de forma um pouco mais velada, mas ainda reconhecível, em um texto publicado em 1990, por ocasião de uma exposição da pintora Anita Albus, e inicia com a seguinte reflexão: "Ao filosofar sobre o propósito da espécie humana, não se reconsidera com frequência ou com prazer que ela representa a peça intermediária ou diferencial entre a natureza orgânica e algo além, que vem depois dela, e que ninguém sabe como será" (Winfried Sebald, "Kleine Vorrede zur Salzburger Ausstellung", 1990b, p. 6).

⁷⁸ Winfried Sebald, *Op. Cit.*, 1986, p. 197.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 195.

⁸⁰ Winfried Sebald, "Europäische Peripherien", 1992, p. 66. Ele se refere nesse ponto a observações no capítulo "Bevölkerungsdichte", cf. Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 173.

leitura de *Mutation der Menschheit* não foi marginal, mas antes decisiva para essa, por assim dizer, virada científica. Pois, exatamente no fato de o neorromântico Sebald pensar em categorias cosmológicas e universais é que reside a verdadeira relevância (e a problemática) da história natural da destruição: Sebald vai além dos fenômenos biológicos ligados ao nosso planeta, como a evolução, a fim de tornar até mesmo as leis básicas da Física frutíferas em seu pensamento.

Na citação acima, o foco está no conceito implícito da entropia, que, por sua vez, desempenha um papel em outros textos literários e, sobretudo, crítico-literários de Sebald – questão para a qual, até o momento, apenas Peter Schmucker⁸¹ e eu⁸² realmente chamamos atenção. A história natural da destruição encontra, de certa forma, seu próprio princípio na entropia, o que permite que Sebald, seguindo as teses de GÖLem, reinterprete criticamente a ideia de evolução como progresso constante para melhor em seu oposto diametral. Ou como observa, baseado em Bertaux, no ensaio sobre Kafka: "O que reconhecemos como vida, suas formas manifestas, tudo surge do esforço para neutralizar a tendência fundamental para a entropia através da realização de sistemas cada vez mais elaborados"⁸³.

Sebald entende assim a entropia – de acordo, portanto, com as mais recentes descobertas cosmológicas – como princípio central e força motriz de toda existência física, contra a qual a evolução entra em fricção como um processo oposto, que combate a tendência imutável de todos os sistemas ao aumento da desordem e do caos com a diferenciação biológica dos seres vivos. Porém, segundo Lem, a evolução avança, de uma solução emergencial a outra, na luta pela preservação e perpetuação do código genético contra a tendência de dissolução da entropia e se enreda em construções cada vez mais complicadas.

⁸¹ Cf. Peter Schmucker, *Grenzüber tretungen: Intertextualität im Werk von W. G. Sebald*, 2012, p. 49; p. 301-305; entre outros.

⁸² Uwe Schütte, *Interventionen: Literaturkritik als Widerspruch bei W. G. Sebald*, 2014, p. 223-225 e p. 512.

⁸³ Winfried Sebald, "Tiere, Menschen, Maschinen: zu Kafkas Evolutionsgeschichten", 1986, p. 198.

Nesse sentido, cada mutação, cada adaptação marca mais um passo no caminho "fora dos trilhos" da evolução, e Lem e Bertaux, com Sebald, acreditam que a próxima mutação de nossa espécie será essa à máquina, pois, segundo Bertaux, "afeta todo o novo complexo orgânico, ou seja, também a sociedade que vive em simbiose com a máquina"⁸⁴. Para concluir esta digressão – que pretende ser apenas uma pequena referência à complexidade das teses de Bertaux e sua influência no pensamento de Sebald – essa mutação corresponde estruturalmente ao salto kafkiano do símio Rotpeter na humanidade ou da inteligência humana no cérebro eletrônico do GOLEM.

Resta saber como o conceito de mutação migrou para a obra literária de Sebald a partir do final da década de 1980, para o qual apenas dois exemplos podem ser dados: Em primeiro lugar, ilustrando poeticamente o processo de evolução negativa⁸⁵, Sebald escreve em *Nach der Natur* sobre a degeneração física da classe trabalhadora:

São as mutações silenciosas
que abrem caminho para o futuro.
No decorrer de três gerações,
a classe trabalhadora de Manchester
havia se transformado em uma raça de anões⁸⁶.

Em segundo lugar, em *Die Ringe des Saturn* [Os Anéis de Saturno], as mutações patológicas no reino animal vêm à tona a partir de uma perspectiva ecocrítica, ou seja, usando o exemplo dos peixes, espécie emblemática naquele contexto, sujeitos a alterações patológicas nos oceanos envenenados pelos seres humanos:

Alguns dos tipos mais raros de linguado, carpa cruciana e brema, em que cada vez mais as fêmeas desenvolvem órgãos sexuais masculinos em mutações bizarras, realizam seus rituais reprodutivos apenas como uma dança da morte, o que representa o reverso da ideia da surpreendente autorreprodução e multiplicação da vida orgânica com a qual crescemos⁸⁷.

⁸⁴ Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 136.

⁸⁵ Embora deva ser expressamente apontado que o nanismo apostrofado é de fato observável nas ruas da Inglaterra.

⁸⁶ Winfried Sebald, *Nach der Natur*, 1995a, p. 84.

⁸⁷ Winfried Sebald, *Die Ringe des Saturn*, 1997, p. 69.

A última vez que Sebald se refere explicitamente ao tratado de Bertaux é no projeto Córsega, interrompido no final de 1996, onde lamenta o enfraquecimento do culto aos mortos no presente. Figura-chave dos textos de Sebald na segunda metade da década de 1990 é seu avô Josef Egelhofer, cuja morte, quando Sebald ainda era criança, nunca foi superada. Nesse sentido, Sebald desenvolve particular interesse no culto aos mortos preservado na Córsega, que se caracteriza pela sua especial proximidade com o falecido, visto que este é sepultado em uma *arca* e fica no porão da casa.

Em contraste com esse estreito contato com os "mortos desaparecidos", como lamenta Sebald em *Campo Santo*, encontram-se as condições nas metrópoles atualmente,

[...] que estão inexoravelmente a caminho da marca dos trinta milhões! Para onde vão os mortos de Buenos Aires e São Paulo, da Cidade do México, de Lagos e Cairo, de Tóquio, Xangai e Bombaim? Normalmente vão parar em uma cova fria. E quem se lembra deles, quem se lembra? Memória, salvaguarda e conservação, escreveu Pierre Bertaux sobre a mutação da humanidade trinta anos atrás, só eram vitais numa época em que a densidade demográfica era baixa, os objetos que fabricávamos eram raros e apenas o espaço era abundante. Não se podia renunciar a nada naquela época, nem mesmo aos mortos. Nas áreas urbanas do final do século XX, porém, em que todos, de uma hora para a outra, são substituíveis e, na verdade, supérfluos desde o nascimento, é importante livrar-se constante e totalmente do peso morto, das lembranças: a juventude, a infância, a origem, os antepassados, os ancestrais⁸⁸.

7. Vivendo no presente

A queixa de Sebald sobre nosso “presente sem memória”, reproduzida em *Campo Santo*⁸⁹, constrói uma ponte para a parte final de seu discurso de Tübingen, pois, além da entrada dos europeus em um novo estado da matéria, devido à aceleração constante – “(mobilidade é afinal a nova palavra mágica)” – ele faz outra constatação sobre a “colonização econômica das regiões deixadas

⁸⁸ Winfried Sebald, *Campo Santo*, 2003b, p. 37. A passagem de referência pode ser encontrada em Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 29, e termina com a descoberta: "A 'nova' moralidade exige que os mortos desapareçam o mais completamente possível". Cf. também "Pode-se muito bem imaginar [...], que o culto do passado, que conhecemos e praticamos, vai desaparecer, pelas mesmas razões que desapareceu o culto aos mortos. Uma humanidade sem memória" (*ibidem*, p. 32).

⁸⁹ *Ibidem*, p. 32.

para trás”⁹¹, desencadeada pelo processo de unificação: o resultado, lamenta Sebald,

[...] é a abolição definitiva da não simultaneidade do tempo, que é indiscutivelmente uma das fontes de inspiração mais importantes para qualquer trabalho criativo. Em breve estaremos vivendo exclusivamente no presente e não poderemos mais ir a qualquer lugar sem que estejamos no presente. O passado existirá apenas como um rumor⁹⁰.

O que, por sua vez, significa que os europeus, exatamente como mostram as teses de Bertaux, terão dado um salto negativo no desenvolvimento, pois “a capacidade de esquecer tudo o mais rápida e completamente possível está se tornando um pré-requisito para a adaptação bem sucedida a uma existência completamente desvinculada do contexto natural”⁹¹.

No entanto, isso não pode ficar sem consequências para a literatura, razão pela qual Sebald se volta então para sua área de especialização:

A literatura, notadamente, depende de poder relatar algo que um dia foi. Seu tempo é o imperfeito. Se isso for abolido, a narrativa também é interrompida. Já são numerosos os textos que padecem com a falta de memória de seus autores. [...] A literatura assimila o balbúcio da comunicação⁹².

Seria interessante saber a quem ou ao que se faz referência nesse ponto. Sua injúria *prima vista* parece se voltar contra a literatura *pop*, contudo, esse foi um fenômeno mais da segunda metade da década; poucos meses antes, Sebald havia feito a acusação de falta de memória aos romances de Jurek Becker⁹³, aos quais, no entanto, o segundo aspecto da sua crítica se encaixa apenas parcialmente: “Isso escancara as portas. Qualquer um pode se tornar autor. Os livros são mais abundantes do que nunca, incluindo livros literários. [...] Isso se

⁹¹91 Winfried Sebald, “Europäische Peripherien”, 1992, p. 67.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 67.

⁹¹ *Ibidem*, p. 67. Sebald acrescenta ainda outro golpe aos alemães nesse ponto, ao atestar sua especial “habilidade de esquecimento”, que lhes atribui um papel pioneiro, pois, após a guerra, eles “não só realizaram um processo coletivo de repressão sem paralelo, mas utilizaram o engajamento emocional reprimido através da proibição da lembrança, deslocando-o para a construção de um mercado até então inimaginável de bens” (*ibidem*, p. 67). Nesse sentido, o discurso de Tübingen prova, naturalmente, ser uma preparação para as teses desenvolvidas posteriormente em *Luftkrieg und Literatur*.

⁹² *Ibidem*, p. 67.

⁹³ Sobre essa polêmica, publicada apenas postumamente, cf. Uwe Schütte, *Interventionen: Literaturkritik als Widerspruch bei W. G. Sebald*, 2014, p. 404-416.

deve [...] a um novo sistema de produção que gera mais, ano após ano, mesmo que nem tudo seja durável ou útil”⁹⁴.

Sebald *nota bene* critica essa onipresença do status de autor em um momento em que ele mesmo se prepara para se transformar de um acadêmico teimoso em um escritor de sucesso, embora hoje haja um amplo consenso de que seus livros são tão duráveis quanto úteis, ou como ele formula na frase final: oferecem “uma descrição válida do presente”. Uma literatura, portanto, à qual não se aplica o que ele por fim lamenta, a saber, que “se perde no pluralismo promovido pela economia de mercado altamente desenvolvida, em que tudo tem o mesmo valor”⁹⁵.

Talvez Sebald tenha escolhido uma palavra diferente para a palestra propriamente dita ou uma frase retórica para encerrá-la de maneira convencional. Em todo caso, o ensaio termina com essa análise profundamente crítica da cultura, ou melhor, rompe com ela. Não há qualquer sinal de reconciliação ou otimismo. No entanto, foi justamente isso que desencadeou a oposição dos conferencistas, conforme documentado nas atas de discussão impressas no adendo à palestra.

Sebald de forma alguma descartou as perspectivas e abordagens positivas expressas na discussão, mas respondeu a elas com contra-argumentos matizados negativamente:

As mudanças que ocorrem às margens, como a reciclagem ou a criação de zonas para pedestres, não escondem que o movimento fundamental se dá na direção oposta. “Todas as invenções são feitas em queda, escreveu Kafka. Eu creio que isso é verdade. E quanto mais caem, mais rápido precisam fazer suas invenções. Aos poucos, isso se torna difícil”⁹⁶.

Como mostram esses “comentários sobre a palestra de W. G. Sebald”, ele não estava, de forma alguma, defendendo um pessimismo radical nem uma acentuação completamente fatalista da catástrofe inevitável. Seu objetivo

⁹⁴ Winfried Sebald, *Op. Cit.*, 1992, p. 67.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 67.

⁹⁶ Jürgen Wertheimer, “Bemerkungen zum Beitrag von W.G. Sebald”, 1992, p. 35.

principal era sobretudo expressar sua impotência diante de circunstâncias desesperadoras. Está registrado no adendo

[...] que ele tinha dúvidas sobre o sentido de eventos como o Fórum de Literatura de Tübingen, embora também soubesse que não havia escolha, que simplesmente era preciso fazer esse trabalho, para talvez retardar um pouco a queda. Pois, “em princípio, não se pode dizer o que vai se desenvolver a partir do presente”. Sebald não acredita que faça muito sentido projetar cenários apocalípticos na literatura, mas também parece reconhecer que as tentativas literárias de criar uma imagem positiva levam inevitavelmente às margens do *kitsch*⁹⁷.

Um dilema aporético que teria de ser examinado criticamente nos cenários apocalípticos da obra narrativa de Sebald ou nas passagens *kitsch* em *Austerlitz*. Mas este não é o lugar para isso. Em vez disso, deve-se enfatizar que, tanto no ensaio quanto na sinopse da discussão, o teimoso pensador Sebald pode ser visto como um exemplo: a ênfase não está na solução do problema nem na síntese das contradições dialéticas – mas no fato de que, para uma pessoa orientada para os fatos abertos, apenas a tênue esperança de que as coisas talvez não viessem a ser tão desastrosas, oferece-lhe um pouco de fé no futuro, necessário para seguir adiante. Apesar de tudo.

8. Tentativa de conclusão: Kassandra

“Europäische Peripherien” [Periferias Europeias] mostra um lado bastante inusitado do pessimista-mor Sebald: o do comentarista político e crítico da época. Ao mesmo tempo, o *parergon* personifica o ensaísta heterodoxo Sebald: as convenções são deliberadamente ignoradas; a palestra constitui mais uma intervenção teimosa do que uma contribuição construtiva para a discussão.

O mesmo vale para o ensaio resultante: em vez de uma linha de argumentação “adequada”, Sebald empreende sobretudo uma pesquisa orientada de forma associativa pelas palavras-chave “Europa” e “periferia”, misturando diferentes discursos e invocando figuras que definitivamente não estavam entre

⁹⁷ *Ibidem*, p. 36.

aquelas do círculo acadêmico da época (incluindo, em particular, os porta-estandartes do pós-estruturalismo (francês)).

Sebald prefere se referir a um autor polonês de ficção científica e se baseia amplamente na polêmica especulativa de um controverso, senão desqualificado, germanista francês, a fim de projetar um cenário (futuro) (culturalmente) pessimista. Não é surpreendente que ele tenha chegado a conclusões diferentes das de seus colegas. Além disso, não é de admirar que os estudos germanistas, que até então não haviam demonstrado nenhum interesse pelo ensaio, não tenham conseguido seguir as pistas tão desviantes de Sebald, como aquelas relacionadas a Lem ou a Bertaux, e consequentemente tenham deixado passar pistas importantes.⁹⁸

Também é, de certa forma, irregular a perspectiva transfronteiriça de Sebald, ou seja, o desvanecimento total na dimensão histórico-natural. Não só "como com o olho / de um grou / sobre uma extensa área"⁹⁹ nas muitas cenas aéreas em sua literatura, Sebald segue de bom grado e decididamente o ímpeto da argumentação de Bertaux: "Não é indevido, de tempos em tempos, escolher uma perspectiva diferente, menos estreita, e olhar para a humanidade de fora, à distância"¹⁰⁰, a partir de um ponto de vista cósmico ou histórico-natural, a fim de obter uma visão melhor e mais bem informada dos contextos que vão além de nós e aos quais estamos, como espécie, vinculados.

As goes without saying, Sebald assumiu um risco significativo ao se afastar da miopia comparativa das perspectivas acadêmicas autorizadas. "Quanto maior a distância, mais clara a visão"¹⁰¹, não afirma por acaso em *Die Ringe des Saturn* [Os anéis de Saturno], narrativa em que Sebald desenvolve a história natural da destruição de forma mais ampla do que em qualquer outra oportunidade. Sebald não refletiu realmente em nenhum momento sobre o fato

⁹⁸ Em primeiro lugar, deve-se mencionar os escritos de Rudolf Bilz sobre paleoantropologia. Contudo, também os escritos de Paracelsus, Jakob Böhme ou Mircea Eliade merecem um exame mais aprofundado, assim como os textos de Herbert Achternbusch.

⁹⁹ Eu adapto neste ponto a passagem em que a personagem caracteriza a perspectiva da *Batalha de Alexandre*, cf. Winfried Sebald, *Nach der Natur*, 1995a, p. 98.

¹⁰⁰ Pierre Bertaux, *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*, 1979, p. 185.

¹⁰¹ Winfried Sebald, *Die Ringe des Saturn*, 1997, p. 30.

de que a visão geral, juntamente com seu método bastante especulativo, transmite *insights* que são negados às perspectivas específicas das Humanidades e da Filosofia. Ao mesmo tempo, porém, essa totalidade faz com que coisas importantes sejam negligenciadas. Esse é o preço dialético exigido.

Entretanto, o fato de que a perspectiva ampliada – que torna a especulação um pré-requisito e a metafísica indispensável – nos permite chegar mais perto da verdade do que as perspectivas particulares ortodoxas pode ter encorajado Sebald em sua abordagem. Trinta anos depois, sua palestra em Tübingen pode, portanto, ser lida como um teste. “‘Kassandra’ é o que se diz para aqueles que sentem algo antes dos outros”, disse Jürgen Wertheimer, lembrando a apresentação em Tübingen. E acrescenta:

Não apenas em relação à visão do futuro, [...] mas também em relação às possibilidades do autor, mesmo o mais comprometido, a análise de Sebald foi precisa e realista. [...] Para ele, ainda se pode ser testemunha, registrador, investigador, pós-escavador, arqueólogo, nada mais. O que não significa pouco em um momento em que tudo está sendo tão remodelado que fica além do reconhecimento¹⁰².

"Europäische Peripherien" [Periferias Europeias] ocupa apenas três páginas impressas em uma dessas dezenas de antologias de conferências que inundam o mercado de livros acadêmicos todos os anos. Contudo, seu valor e significado não são, de forma alguma, periféricos e residem em sua habilidade de agrupar, como um prisma, vários aspectos centrais: o fracasso dos estudos germanísticos em interpretar e compreender a obra de Sebald de forma holística; a importância de linhas aparentemente secundárias, como as de Lem e Bertaux; o desiderato de um estudo mais detalhado do conceito mental pessimista de Sebald.

Além disso, o texto breve é complementado pelo adendo quase igualmente extenso com as respostas dos outros conferencistas, incluindo as réplicas de Sebald – o que representa uma oportunidade virtualmente única de experimentar a transversalidade de Sebald em ação. No mínimo, os dois textos transmitem retrospectivamente o que constituía o carisma de Sebald em eventos públicos,

¹⁰² Jürgen Wertheimer, “Magische Verdichtung: Sebalds Wirklichkeitsbeschwörungen”, 2006, p. 68.

como descrito por Moray McGowan, referindo-se a uma palestra ministrada por Sebald em Sheffield no ano anterior: “tipicamente Max: ousado, irônico, saltitante, estimulante”¹⁰³.

Referências

BECK, Adolf. *Hölderlins Weg zu Deutschland: Fragmente und Thesen – Mit einer Replik auf Pierre Bertaux „friedrich Hölderlin“*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1982.

BERTAUX, Pierre. *Mutation der Menschheit: Zukunft und Lebenssinn*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.

ETZLER, Melissa Starr. *Writing from the Periphery: W. G. Sebald and Outsider Art*. 2014. 171 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – University of California, Berkeley, 2014.

GÖRNER, Rüdiger. *Hölderlin und die Folgen*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2016.

HUYSEN, Andreas. Rewritings and New Beginnings. In: ELSAGHE, Yahya; LIECHTI, Luca; LUBRICH, Oliver (org.). *W.G. Sebald: Neue Wege der Forschung*. Darmstadt: WBG Academic, 2012. p. 246.

JAMES, Dorothy; RANAWAKE, Silvia (org.). *Patterns of Change: German Drama and the European Tradition*. New York: Peter Lang Publishing, 1990.

JUST, Renate. Im Zeichen des Saturn: ein Besuch bei W.G. Sebald. In: LOQUAI, Franz (org.). *W.G. Sebald*. Eggingen: Edition Isele, 1997. p. 38.

LEM, Stanislaw. *Summa technologiae*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

LEM, Stanislaw. *Imaginäre Größe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996.

LENNON, Patrick. In the Weavers' Web: an intertextual approach to W.G. Sebald and Laurence Sterne. In: DENHAM, Scott; MCCULLOH, Mark (org.). *W.G. Sebald: History – Memory – Trauma*. Berlin: De Gruyter, 2006. p. 91–94.

SCHMUCKER, Peter. *Grenzübertretungen: Intertextualität im Werk von W. G. Sebald*. Berlin: De Gruyter, 2012.

SCHÜTTE, Uwe. *Interventionen: Literaturkritik als Widerspruch bei W.G. Sebald*. München: edition text + kritik, 2014.

SCHÜTTE, Uwe. Durch die Hintertür: zu W.G. Sebalds unveröffentlichter Szenenreihe über das Leben und Sterben des Immanuel Kant. In: SCHÜTTE,

¹⁰³ E-mail de 1 mar. 2021.

Uwe (org.). *Über W.G. Sebald: Beiträge zu einem neuen Bild des Autors*. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 65-98.

SCHÜTTE, Uwe. *Annäherungen: Sieben Essays zu W. G. Sebald*. Köln: Bohlau, 2019.

SCHÜTTE, Uwe. *W. G. Sebald: Leben und literarisches Werk*. Berlin: De Gruyter, 2020.

SCHWARTZ, Lynne Sharon (org.). *The Emergence of Memory: conversations with W.G. Sebald*. New York: Seven Stories Press, 2007.

SEBALD, Winfried. Tiere, Menschen, Maschinen: zu Kafkas Evolutionsgeschichten. *Literatur und Kritik*, Salzburg, n. 205/206, p. 194-201, 1986.

SEBALD, Winfried. Die Kunst der Verwandlung: Herbert Achternbuschs theatralische Sendung. *Frankfurter Rundschau am Wochenende*, Frankfurt am Main, p. 306, 11 abr. 1987.

SEBALD, Winfried. The Art of Transformation: Herbert Achternbusch's theatrical mission. In: SEBALD, Winfried (org.). *A Radical Stage: theatre in Germany in the 1970s and 1980s*. Oxford: Berg Publishers, 1988. p. 174-184.

SEBALD, Winfried. Damals vor Graz: Randbemerkungen zum Thema Literatur & Heimat. In: BARTSCH, Kurt; MEZLER, Gerhard (org.). *Trans-Garde: die Literatur der „Grazer Gruppe“*. Graz: Droschl, 1990a. p. 141-153.

SEBALD, Winfried. Kleine Vorrede zur Salzburger Ausstellung. In: LUKŠIĆ, Tugomir (org.). *Anita Albus*. Zagreb: Muzejsko-galerijski centar; Salzburg: Galerie Schloss Neuhaus, 1990b. p. 6.

SEBALD, Winfried. Europäische Peripherien. *Litterae*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 32-34, 1992.

SEBALD, Winfried. Unterm Spiegel des Wassers. Peter Handkes Erzählung von der Angst des Tormanns. In: SEBALD, Winfried. *Die Beschreibung des Unglücks: zur österreichischen Literatur von Stifter bis Handke*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1994a. p. 121.

SEBALD, Winfried. *Schwindel: Gefühle*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1994b.

SEBALD, Winfried. *Nach der Natur*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1995a.

SEBALD, Winfried. *Unheimliche Heimat: Essays zur österreichischen Literatur*. Frankfurt am Main: FISCHER Tachenbuch, 1995b.

SEBALD, Winfried. *Die Ringe des Saturn*. Frankfurt am Main: FISCHER Tachenbuch, 1997.

- SEBALD, Winfried. *Logis in einem Landhaus*: über Gottfried Keller, Johann Peter Hebel, Robert Walser und andere. Frankfurt am Main: FISCHER Tachenbuch, 2000.
- SEBALD, Winfried. Gedichte. *Manuskripte*, Graz, n. 152, p. 68, 2001.
- SEBALD, Winfried. *Austerlitz*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2003a.
- SEBALD, Winfried. *Campo Santo*. München: Carl Hanser, 2003b.
- SEBALD, Winfried. Zwischen Geschichte und Naturgeschichte: Versuch über die literarische Beschreibung totaler Zerstörung. In: SEBALD, Winfried. *Campo Santo*. München: Carl Hanser, 2003c. p. 69-100.
- SEBALD, Winfried. Aufzeichnungen aus Korsika: zur Natur- und Menschenkunde. In: VON BÜLOW, Ulrich *et al.* (org.). *Wandernde Schatten*: W.G. Sebalds Unter-welt. Marbach: Deutsche Schillerges, 2008. p. 129-209.
- SEBALD, Winfried. *Auf ungeheuer dünnem Eis*: Gespräche 1971 bis 2001. Frankfurt am Main: FISCHER Tachenbuch, 2011a.
- SEBALD, Winfried. Ausgrabung der Vergangenheit. In: HIBBITT, Richard; CATLING, Jo (org.). *Saturn's Moons: A W.G. Sebald Handbook*. Oxford: Legenda, 2011b. p. 344.
- UNIÃO EUROPEIA. *Vertrag über die Europäische Union*. Maastricht: EUROP, 1992.
- WERTHEIMER, Jürgen. Bemerkungen zum Beitrag von W.G. Sebald. *Litterae*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 34-36, 1992.
- WERTHEIMER, Jürgen. Magische Verdichtung. Sebalds Wirklichkeitsbeschwörungen. In: WERTHEIMER, Jürgen. *Sisyphos & Bumerang*: Zwischenberichte. Tübingen: Klopfer und Meyer, 2006.
- WILLIAMS, Arthur. W.G. Sebald's three-letter word: on the parallel world of the English translations. In: BAXTER, Jeannette; HENITIUK, Valerie; HUTCHINSON, Ben Hutchinson (org.). *A Literature of Restitution: critical essays on W.G. Sebald*. Manchester: Manchester University Press, 2013. p. 25-

Referência para citação deste artigo

SCHÜTTE, Uwe. Periferias europeias: Sebald fala em Tübingen (e uma digressão sobre Pierre Bertaux). **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 27–59, dezembro de 2021.